

RESENHA DO LIVRO TÃO LONGE TÃO PERTO. FAMÍLIA E “MOVIMENTOS” NA ILHA DA BOA VISTA DE CABO VERDE

BOOK REVIEW

TÃO LONGE TÃO PERTO. FAMÍLIA E “MOVIMENTOS” NA ILHA DA BOA VISTA DE CABO
VERDE

Vinícius Venancio de Sousa*

Referência da obra completa da obra resenhada: LOBO, Andréa de Souza. *Tão Longe Tão Perto. Famílias e “Movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. 2. Ed. Brasília: ABA Publicações. 2014.

Tendo como base a atualização dos dados apresentados em sua tese de doutorado (2007), Andréa Lobo discorre, na segunda edição do seu livro *Tão Longe Tão Perto, Famílias e “Movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*, sobre as formas de fazer família na ilha de Boa Vista, em Cabo Verde. O foco dado ao tema pela autora é justificado pela ocorrência de um fenômeno que destoava a ilha dentro do contexto nacional à época de sua pesquisa: a predominância da emigração feminina frente à masculina. Ao contrário da maioria dos estudos sobre migrações, o eixo principal do trabalho recai na vida dos que permaneceram, analisando os impactos da emigração feminina na organização familiar, assim como a circulação de coisas, pessoas, informações e valores entre os que foram e os que ficaram.

O primeiro ponto apresentado pela autora é a necessidade de reedição dos dados, já que a pesquisa de campo foi realizada entre os anos de 2004 e 2005. Após essa crítica sobre os dados, Andréa Lobo parte para uma das principais argumentações da sua obra, isto é, a ideia de mobilidade, que assume maior visibilidade no âmbito dos fluxos migratórios, embora não se restrinja a eles. A necessidade de estar em movimento é fundante do *ethos* migratório cabo-verdiano, que positiva a sua vida através da negação da monotonia. Além disso, embora a migração possa ser vista como uma negação ou oposição do local, representado na ideia da *casa* – local que marca o pertencimento e que gera relações de parentesco que não se restringem ao sangue –, esse fluxo é complementado por ela, uma vez que a ideia do retorno é uma meta na vida das emigrantes.

Como já apresentado, uma dimensão que perpassa toda a obra de Lobo é a formação familiar. Embora na teoria seja esperado que ela siga a tradição portuguesa católica, a prática é marcada por formas familiares diferentes, o que fez com que os habitantes da ilha apresentassem durante o trabalho de campo pela autora a ideia de ‘família desestruturada’, que, segundo os interlocutores, teria origem, dentre outros fatores, na ausência da mãe que partiu para emigração. A ausência física da mãe, combinada com o fator de que o pai boavistense não exerce a paternidade em conformidade com a forma demandada pelo modelo tradicional euro-americano, transfere a criação das crianças para as demais mulheres da família, cuja figura preferencial é a avó materna, mas podendo ser também a avó paterna, irmãs, primas e/ou mulheres da vizinhança. Todavia, é importante salientar que esse modelo familiar no qual a maternidade encontra-se descentralizada da mãe biológica não pressupõe uma desestrutura, apenas um outro modelo de se fazer família.

Após a contextualização da pesquisa, a autora, no primeiro capítulo, discorre sobre *o arquipélago de Cabo Verde e a ilha de Boa Vista*. A ilha de Boa Vista, local da pesquisa, é a terceira maior ilha da localidade, porém era a menos habitada durante o estudo, onde a população feminina era ligeiramente menor que a

masculina. Mesmo com um passado de glórias, é a ascensão do turismo na última década que tem colocado o arquipélago em posição de destaque. Segundo a autora, foi a baixa densidade demográfica da principal povoação da ilha, a Vila de Sal-Rei, que gerou a configuração familiar atual, dentro da qual a solidariedade ao vizinho é essencial.

Tendo como justificativa a escassez de recursos naturais, a migração está presente em Cabo Verde desde o século XIX, fazendo do cabo-verdiano o “produto” mais exportado pelo país. Isso fez com que, em meados dos anos 1990, houvesse mais cabo-verdianos no exterior do que no próprio país. Todavia, enquanto a heterogeneidade de Cabo Verde não permite generalizações que uniformizem as estruturas migratórias das ilhas, a *saudade* é a característica que une todos que estão emigrados. Assim, a ligação com o país natal permanece ativa, em especial pelo envio de remessas – que movimentam a economia local – e marca a lealdade dos que foram com os que ficaram.

Mesmo que, historicamente, os homens possuíssem mais chances de imigrar na maior parte das ilhas, a emigração feminina deu seus primeiros passos ao final dos anos 50, tendo como destino principal a Itália, para onde iam trabalhar como domésticas. O fluxo de cabo-verdianas para Itália foi iniciado por padres capuchinhos, que começaram o recrutamento na ilha de Sal, seguida por São Vicente e chegando à Boa Vista. Com a ausência da mulher do seio familiar em um projeto migratório que não tinha como objetivo o reagrupamento familiar, lança-se mão da estrutura matricentrada de apoio feminino para possibilitar a emigração das cabo-verdianas. Mesmo com períodos de declínio, como o das severas imposições dos países receptores na década de 1980, a emigração majoritariamente feminina na Boa Vista não cessou.

No segundo capítulo, ao analisar a *casa e família* enquanto ambiente de construção do parentesco, Lobo utiliza o conceito de *relatedness* (Carsten, 2003) a fim de compreender as relações formadas na ilha, já que elas não se esgotam no parentesco sanguíneo, sendo expandidas pela comunidade, que é vista como uma extensão da família. Nesse contexto, os laços familiares não são definidos estritamente pela via biológica, mas sim pela consolidação de laços de solidariedade entre pessoas da mesma localidade, laços estes construídos por signos de proximidade, que seriam as trocas, sejam elas materiais ou emocionais. Assim, a *relacionalidade* entre não sanguíneos é fortalecida pelo uso de palavras próprias do vocabulário do parentesco, tais como *mãezinha* e *irmãos*. Ressalta-se que tal *relacionalidade* pode prevalecer aos laços sanguíneos. Dada a menor rigidez dos laços familiares frente ao modelo biologizante, o pertencimento de uma pessoa é marcado pela casa onde se é criado, que é denominada por *nos casa*, *nha casa* ou apenas *casa*. Os vínculos de pertencimento às casas são tão fortes que, mesmo ao sair da *nha casa*, é ideal que você continue morando perto dela. A casa, além de marcar a pertença, é também o maior indicador de sucesso que as pessoas podem ter, em especial se a casa própria for construída aos poucos, com muito esforço.

A noção de solidariedade mostra-se atrelada à importância da mobilidade, seja pela via da circulação entre as casas, troca de parceiros sexuais, seja pela via da migração. Para exemplificar a primeira situação apontada, Lobo apresenta a ideia de *aguentar* - cuidar, ajudar a criar uma criança, muito presente no contexto boa-vistense, já que é comum que mais de uma mulher se comprometa com a criação das crianças, permitindo que os pequenos possam circular entre várias casas. Intensificando a circulação, as crianças realizam *mandados* - afazeres domésticos pelas e entre as casas. Embora a circulação local seja possível para (quase) todas, a autora afirma que a mobilidade transnacional não o é, uma vez que não é estratégico para a família viabilizar a emigração de todas as filhas, deixando a mãe já idosa para cuidar de todos os netos.

A necessidade de se manter uma rede de apoio feminina aparece porque, segundo as interlocutoras, os *pais de filho* - termo que designa os homens com quem as mulheres têm filhos, sem a garantia de um relacionamento sério, mas que, ainda assim, pode ser usado para definir o companheiro – raramente ajudam na criação das crianças, tanto afetiva quanto economicamente. Por este motivo, a mulher ganha centralidade na reprodução da vida doméstica/familiar, na qual a divisão dos papéis domésticos se dá através do gênero e da diferença geracional. Assim, não é possível analisar a família boa-vistense exclusivamente pela óptica do contexto nuclear, da mesma forma que a autora afirma que não se deve examinar a matrifocalidade deixando de lado o papel dos homens nesse contexto, visto que a fluída dominação masculina não significa total afastamento do âmbito doméstico.

Dado o afastamento dos pais da vida doméstica, é comum que a relação entre eles e os filhos seja marcada pelo respeito e autoridade, enquanto a relação entre os filhos e suas mães costuma ser caracterizada pela proximidade e carinho. Embora na maioria dos casos analisados pela autora os pais não tivessem relações próximas com seus os filhos, é importante para os homens ter uma prole e manter autoridade sobre ela como forma de (re)afirmação da masculinidade e virilidade. No entanto, ainda que ter filhos seja algo importante para os homens, o reconhecimento de paternidade pode surgir enquanto um momento de fortes tensões, sendo uma atividade costumeiramente destinada às avós, uma vez que receber o sobrenome paterno é um fator importante para a criança, além de ser uma forma de estreitar as relações entre duas famílias. Tendo em vista que é comum para os homens ter mais de uma parceira sexual, mesmo que em casos extraconjugais, torna-se vantajoso para as mulheres ser a primeira *mãe de filho*, já que esta é comumente tratada como a “mulher oficial”. Assim, na Boa Vista, casa-se somente quando se deseja “sossegar”, sendo esse o último estágio do relacionamento de um casal.

Ao analisar a *emigração como possibilidade de vida melhor*, Lobo aponta que a emigração é apresentada enquanto fator inevitável na vida dos cabo-verdianos, embora o sucesso do projeto não seja garantido. As suas interlocutoras afirmaram, constantemente, que para emigrar deve-se ter “cabeça forte”, tendo em vista que a gravidez e o fato de ser mãe solteira eram fatores que poderiam culminar na perda do emprego. Assim, constrói-se um ideal de sucesso da emigração, que seria baseado em construir uma casa, conquistar a aposentadoria e abrir o caminho para outras mulheres. Além disso, a ideia de sacrifício permeia os relatos das emigradas, fazendo com que a incerteza do retorno seja tão intensa quanto era a da partida.

As boa-vistenses que estão emigradas costumam retornar – temporariamente ou não – no verão, época do ano marcada por uma ruptura na vida cotidiana da ilha por cerca de dois meses. Florescem atividades que podem ser realizadas tanto pelo governo quanto pela comunidade. A emigrante – vista como a “união do melhor dos dois mundos” (Lobo, 2014) – deve ser simpática e cumprimentar todos os conhecidos para não parecer *grandiosa* (metida). Elas voltam com ar de riqueza, mas reclamam da vida difícil no exterior. Por elas serem a atração da cidade, ocorre a disputa pelos homens entre as emigradas e as que ficaram, sendo as últimas o elo fraco nessa disputa.

Como consequência da lógica de estar *tão longe* e, ao mesmo tempo, precisar se fazer *tão perto*, a migração deve criar uma estrutura de apoio para quem fica, ao mesmo tempo que deve garantir que as pessoas mantenham a proximidade. A distância geográfica entre as pessoas não reduz as relações familiares, já que a saudade dos filhos é constante, assim como, idealmente, é o envio de remessas. Apesar de nem sempre o pai-de-filho ajudar, as figuras masculinas das famílias são importantes para fazer conexões e conseguir pessoas para *aguentar* as crianças. A ausência do pai é compensada pela presença de sua mãe e irmãs na vida dos

filhos. Na ausência da avó materna, pessoa preferencial a cuidar dos filhos, é a avó paterna quem assume a criação das crianças. Contudo, às vezes não é fácil selecionar uma mulher para fazer o “papel da mãe”. Dentro dessa rede de solidariedade feminina, as emigrantes reclamam de um constante desvio do dinheiro enviado para cuidado dos filhos, enquanto as que ficam reclamam que as remessas não são regulares ou que o dinheiro não é o suficiente, gerando sérios rompimentos familiares.

As mulheres emigradas tentam se fazer presentes na rotina da família de várias formas, notadamente participando da tomada de decisões importantes, geralmente por meio de conversas telefônicas (à época do estudo, os celulares começavam a aparecer como uma forma de intensificar o contato entre mãe e filhos). As trocas de encomendas são fundamentais para garantir o vínculo entre as que foram e os que ficaram. Tanto as “italianas” enviam produtos europeus e dinheiro quanto as pessoas na Boa Vista enviam produtos feitos lá. As encomendas são sinal de que as pessoas se lembram umas das outras, reforçando os laços à distância. Porém, essa “presença à distância” só é tolerada quando existe o fluxo contínuo de coisas vindo do exterior. Quando as remessas perdem a frequência, gera-se um problema. Os rumores também são uma ferramenta para conectar as pessoas, sendo que alguns boatos chegam antes às “italianas” do que aos que estão na ilha.

Os relacionamentos à distância podem durar anos, mas sempre contando com maior sacrifício por parte das mulheres, que percebem uma “falta de compromisso [por parte] dos homens cabo-verdianos”. Por causa da inversão do padrão migratório, o homem da Boa Vista é percebido, dentro de Cabo Verde, como dependente de suas mulheres. Neste ponto, é curioso o fato de que todos afirmam conhecer algum amigo que seja sustentado pela sua companheira que está emigrada; todavia, ninguém assume que o faça, da mesma forma que nenhuma emigrada diz sustentar o *pai de filho*, apesar de sempre conhecerem alguma mulher tenha essa conduta.

Sob a influência da lógica da emigração na ilha de Boa Vista, *avós e netos* passam a ter *vidas partilhadas*, na medida em que elas assumem o papel de *mamã*. As senhoras, mais velhas, costumam dizer que as mulheres mais jovens não têm cabeça para cuidar das crianças, por isso o ciclo da maternidade somente seria completo quando a mulher se tornasse avó, período em que ela estaria com a cabeça no lugar. Contudo, a função de aguentar as crianças não se restringe às avós, mas se estende a todas as mulheres da *nos casa*, já que a criação das crianças é mais comunitária do que individual.

A falta de cabeça, ou fraqueza nela, das mulheres se daria pelo fato de elas engravidarem cedo, período de instabilidade afetiva e econômica. Diferentemente, as avós têm tempo, já que, ao contrário das mães, não perdem mais tempo com relacionamentos instáveis e sua circulação fica entre a residência e a vizinhança. Por isso, a criança, que poderia ser vista como um fardo na vida das mães por prendê-las, passa a ser vista como uma dádiva, que advém do fato de que ter a casa cheia é importante na sociedade boa-vistense, seja para realização de *mandados*, seja para garantir cuidado por parte dos filhos na velhice dos pais.

Apesar da relação próxima do neto com a avó, esta é diferente da que ele possui com a mãe. Por isso, é comum que os mais novos confundam os papéis da mãe emigrada com a mulher que os cria, mas cabe à avó recordá-lo sempre de quem é sua mãe e o sacrifício que ela está tomando para que todos tenham melhores condições de vida. A ausência física da mãe é tida como algo triste, embora não seja traumático crescer sem ela. Assim, os papéis de *mamã/avó* e o de mãe funcionam mais como complementares do que como antagônicos.

Através da perspectiva de que compartilhar crianças é aumentar os laços de solidariedade, as avós paternas também desempenham a função de *mamã*, assim como ajudam a *aguentar* os netos, embora seja menos comum que as avós maternas. Ainda, algumas avós tendem a privilegiar os netos de mães emigradas com a justificativa de que eles não têm o carinho da mãe presente como os outros. Os netos mais crescidos costumam apresentar dificuldades de relação com as avós, passando o jovem a ser um fardo para os avós, tendo as mães que interferir na relação.

No último capítulo, ao explorar as mudanças trazidas pelos *novos tempos, novos atores, novas famílias*, Lobo centra-se no debate do turismo, que tem provocado muitas mudanças na vida da ilha, segundo afirmam os próprios moradores, a exemplo do aumento do discurso desenvolvimentista na ilha e do aumento do fluxo migratório. A intensificação do fluxo turístico se deu por causa das suas belas praias desde os anos 1990 e é apresentada como a saída para o desenvolvimento da ilha e fator de valorização das belezas naturais da localidade. O *boom* do turismo aconteceu, segundo os moradores, de uma forma muito rápida, já que desde 1990 vários hotéis foram construídos na ilha, assim como a estrutura para o recebimento dos turistas está em constante ampliação.

Apesar dos pontos positivos, o turismo, de acordo com os moradores de Boa Vista, também trouxe coisas ruins, em especial quando se contrasta o presente e o passado. Das coisas ruins que o turismo trouxe, é apontado o intenso fluxo de *mandjacos*, africanos do continente que aproveitam a leva de desenvolvimento para poder melhorar de vida através do comércio ambulante, e dos *badios*, migrantes de outras ilhas, que, assim como o *mandjacos*, também são vistos de forma ambígua. Embora os italianos sejam vistos como “os que chegam para controlar a economia”, eles são mais bem-vindos que os outros dois citados. Da mesma forma, o casamento com europeus é mais bem visto do que com *badios* e *mandjacos*. Neste quesito, as mulheres reclamaram que os homens boa-vistenses só tomavam jeito, ou seja, mantinham-se com apenas uma parceira, quando se casam com estrangeiras. Por isso, as mulheres estrangeiras eram vistas pelas locais como as pessoas que “roubam” os bons homens disponíveis, além de serem percebidas como desestruturadoras do ciclo de reciprocidade cabo-verdiano, uma vez que não costumam lançar mão do apoio comunitário para a criação do filho, seguindo o modelo euro-americano de família nuclear. Por outra via, os casamentos interculturais entre mulheres boa-vistenses e homens estrangeiros tendem a seguir mais à risca o modelo familiar da ilha do que a formatação contrária, tendo em vista que a mulher tende a manter uma maior aproximação com o seu grupo doméstico, mesmo que este modelo de casamento não esteja livre de críticas, criando-se a ideia de que os cabo-verdianos que se casam com brancos ficam metidos.

É justamente a figura do casamento intercultural que pauta a construção da obra da autora, uma vez que ela foi casada com um cabo-verdiano, com quem teve um filho – que a acompanhou durante a realização da pesquisa de campo. Embora esse local de fala tenha possibilitado a maior circulação da pesquisadora entre as casas – e também entre as histórias e fofocas – e tenha tornado o seu trabalho tão rico em detalhes e profundidade, a estrangeiridade pintada em sua face demarcava um limite de até onde ela poderia chegar nas histórias e nas pessoas, sendo um “próximo distante”. Não à toa, havia obstáculos para se ter acesso aos homens da comunidade, em especial os adultos, o que dificultou a compreensão total da situação, fazendo com que a análise sobre eles fosse feita pela observação de seus comportamentos, assim como através da perspectiva das mulheres da ilha. Todavia, o fato de os homens serem esquivos nas entrevistas e pouco falarem pode ser um dado relevante para mostrar o afastamento deles do mundo doméstico.

Com a competente abordagem realizada por Andréa Lobo acerca das relações familiares na ilha da Boa Vista, sua obra torna-se uma referência de suma importância para a compreensão das diferentes formas de se fazer família presentes no arquipélago, além de ser uma nova e interessante peça nos estudos sobre organização familiar. Ao nos debruçarmos sobre suas páginas, notamos que, ao contrário do postulado pelos críticos da abordagem etnocêntrica na qual os estudos clássicos de parentesco se constituíram, melhor personificado na figura de Schneider (1972), muito se pode extrair analiticamente das diversas formas familiares existentes; principalmente se enxergarmos as famílias por outros olhos que não apenas o dos homens, mas também pelos olhos das crianças, avós, filhos e demais integrantes das famílias. 📍

*O autor, à época do envio deste trabalho, cursava o 8º período do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Brasília. Participa do projeto de pesquisa “Formas familiares em um mundo de mobilidades: gênero, infância, juventude e identidades em contextos migratórios”, financiado pela FAP-DF, sob a orientação da professora Andréa de Souza Lobo. O mesmo agradece à leitura atenta de Gabriel Tardelli e aos comentários pertinentes apresentados por ele. E-mail: vini.venancio2@gmail.com.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

CARSTEN, J. “Introduction”. In Carsten, Janet (ed.) *Cultures of Relatedness: new approaches to the study of kinship*. Edinburgh: Cambridge University Press, p. 01-36, 2000.

LOBO, Andréa de Souza. *Tão Longe, Tão Perto: Organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista Cabo Verde*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 266p., 2007.

_____. *Tão Longe Tão Perto. Famílias e "Movimentos" na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. 2. ed. Brasília: ABA Publicações. 2014.

SCHNEIDER, D. “What is Kinship all about?” In P. Reining (ed.), *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*. Washington: Anthropological Society of Washington, 1972.

Recebido em 21/12/2017

Aprovado em 30/06/2018